

ESPORTE E IDENTIDADE NACIONAL NO BRASIL: NEGOCIAÇÕES EM TORNO DE QUATRO ÍDOLOS

(SPORT AND NATIONAL IDENTITY IN BRAZIL: NEGOTIATION AROUND
FOUR IDOLS)

Alexandre Fernandez Vaz y Jaison José Bassani
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (Brasil)

Resumen: El deporte es una de las más importantes expresiones del mundo moderno y está en el centro de las identidades nacionales. En Brasil no es diferente y los ejemplos de relación entre el deporte y la construcción de la construcción de identidades son frecuentes, principalmente a partir de la segunda mitad del siglo veinte. En el presente artículo, presentamos algunos aspectos de construcción de identidad nacional por medio del deporte, entorno del imaginario referente de cuatro héroes deportivos nacionales: el futbolista Pelé, el ajedrecista Mequinho, el piloto Ayrton Senna y el tenista Gustavo Kuerten. Para ello, seleccionamos y analizamos reportajes, crónicas y titulares de diarios y revistas semanales brasileñas en diferentes periodos entre 1970 y 2000. Los resultados sugieren importantes diferencias en la construcción de cada uno de estos héroes: Pelé sería la expresión de un hombre negro en una sociedad racista; Mequinho, el cerebro de la nación; Senna sería representado como el hombre que domina la máquina; Kuerten representaría, por otro lado, un buen chico de juego limpio. Esos héroes y sus imágenes mitológicas, con sus contradicciones, parecen estar conciliados en el imaginario social que representa una identidad nacional también en otros campos sociales más allá del deporte.

Palabras clave: Deporte y sociedad; Héroes deportivos; Identidad nacional; Brasil.

Resumo: O esporte é uma das importantes expressões do mundo moderno e está no centro das identidades nacionais. Não é diferente no Brasil, onde os exemplos da relação entre esporte e construção das identidades são frequentes, principalmente a partir da segunda metade do breve século vinte. No presente artigo são apresentados alguns aspectos da construção da identidade nacional por meio do esporte em torno do imaginário referente a quatro “heróis” esportivos nacionais: o futebolista Pelé, o enxadrista Mequinho, o piloto Ayrton Senna e o tenista Gustavo Kuerten. Para tanto selecionamos e analisamos reportagens, crônicas e manchetes de diários e revistas semanais brasileiras em diferentes periodos entre 1970 e 2000. Os resultados sugerem importantes diferenças na construção de cada um desses “heróis”: Pelé seria expressão do negro em uma sociedade racista; Mequinho, o “cérebro da nação”; Senna seria apresentado como o homem que domina a máquina; Kuerten demarcaria, por outro lado, o “bom moço” do fair-play. Esses “heróis” e sua imagens mitológicas, malgrado suas contradições, parecem ser conciliados no imaginário social que representa a identidade nacional também em outros campos para além do esporte.

Palavras-chave: Esporte e Sociedade; Heróis Esportivos; Identidade Nacional; Brasil.

Abstract: Sport, one of the important leitmotifs of modernity, is in centre of the national identities construction. In Brazil it is not different, and there are several examples of the relationship between sport and the construction of identities, especially after the second half of last (short) century. In this paper are presented some aspects of the construction of the national identity through sport, studying the imaginary concerning four Brazilian “national heroes”: the soccer player Pelé, the chess player Mequinho, the driver Ayrton Senna and the tennis player Gustavo Kuerten. For so much we have selected and analysed reports, chronicles and headlines of Brazilians daily newspapers and weekly magazines in several periods between 1970 and 2000. The results suggest important differences in the construction of each one of the “heroes”: Pelé as the black people's representative in a racist country; Mequinho as “the brain of nation”; Senna as the man who dominates the machine; Kuerten represents, however, the image of a “good boy” of fair play. These “heroes” and their mythological images, in spite of their contradictions, seem to be reconciled in the social imaginary that represents Brazilian identity also in other social fields beyond sports.

Key words: Sport and Society; Sport Heroes; National Identity; Brazil.

PELÉ, MEQUINHO, SENNA, GUGA

Um dos espaços sociais significativos de auto-reconhecimento dos nacionalismos contemporâneos são os esportes. Por meio deles cria-se ou reforça-se instituições imaginárias que ganham materialidade nas representações co *caráter* ou *identidade* nacionais. Diz-se com frequência, por exemplo, que o Brasil é o país do futebol, assim como algumas outras nações também reconhecem nesse esporte não apenas suas paixões, mas também sua própria maneira de ser. Sobre o futebol brasileiro, alemão, inglês ou argentino, são construídas mitologias, identificando-os, em suas possíveis formas de jogar, com o caráter de cada nação. Diz-se, por exemplo, que há um *futebol-arte* no Brasil, um futebol *criollo* na Argentina, um futebol *gaúcho* e de *fronteira*¹. As metáforas futebolísticas do atual presidente da República atestam a força simbólica que se admite ter o futebol no Brasil.

Além do futebol encontramos outras práticas esportivas que são geralmente identificadas como auto-referentes de nações modernas, como as artes marciais nos países asiáticos ou o futebol americano, o beisebol, o basquete, o pugilismo e o hóquei no gelo nos Estados Unidos e no Canadá².

A imprensa em várias de suas versões exerce um papel fundamental nesse processo, uma vez que é por meio dela que se difundem as imagens que, com enorme força, compõem o imaginário a respeito dos esportes. Talvez a imprensa esportiva seja o

¹ Estas questões estão contempladas em vários trabalhos como, entre outros, os de Archetti (1997a, 1997b, 1998, 2001), Damo (2003) e Rigo (2001). Destaque-se a apropriação e o emprego dessas adjetivações são diversas, transitando, em diversas matizes, da categoria analítica à celebração mitológica.

² Consulte-se, como exemplo, o trabalho de Richard Gruneau e David Whitson (1993) sobre a cultura do hóquei no gelo no Canadá.

mais emblemática dos setores jornalísticos no que se refere ao que conhecemos por *indústria cultural* (HORKHEIMER; ADORNO, 1997), uma vez que mistura com muita facilidade a informação e o entretenimento, freqüentemente reforçando as expectativas cristalizadas dos torcedores/consumidores do espetáculo esportivo. Lembre-se como já destacou Lovisolo (2001), que o esporte moderno é fruto do mesmo processo de desenvolvimento da imprensa, como atesta, aliás, o nome da principal revista esportiva argentina, *El Grafico*. É curioso, por exemplo, que a imprensa urbana e popular – os tablóides – tenha como um de seus principais temas o esporte, e que ela, como se sabe, procure, antes de informar, divertir, entreter, confirmar preconceitos e lugares-comuns dos seus leitores. O diário alemão *Bild* – que, a propósito, quer dizer “foto”, “imagem” – tem como propaganda a sugestiva frase: *Dir, deine Meinung* – a você, aquilo que você já pensa. Por isso não se pode falar, por exemplo, em “apropriação” do fenômeno esportivo por parte da indústria cultural: o esporte, tal como o conhecemos e consumimos, é um *produto* da indústria cultural.

O Brasil dos anos setenta parece apresentar uma configuração particular que dá forma a essas questões. O país vivia um dos momentos cruciais da ditadura então instalada, cujo processo de modernização conservadora tinha no esporte um de seus epítetos de propaganda. Foi também naquele período que a imprensa esportiva alcançou um patamar diferenciado com a presença da Revista *Placar*, especialmente, mas não exclusivamente, destinada ao futebol, cuja primeira edição data do ano anterior à Copa de 1970.

Como se sabe, e selecionado campeão do México passou por uma rigorosa preparação física, técnica e tática³, nada tendo de improviso. Durante toda a década de 1970, no entanto, discutiu-se na imprensa os caminhos da seleção de futebol, que havia sido campeã no México, mas andava às voltas com a oscilação entre modernidade e tradição, ciência e improvisação, enfim, um quadro que não havia sido resolvido com a criteriosa preparação do escrete em 1970, mas que perdurava, como mostram os jornais e revistas da época. Deveríamos ou não optar pela presença da ciência no futebol? Até que ponto isso não descaracterizaria o “verdadeiro” futebol brasileiro?

A década de 1970 viu as despedidas de Pelé do futebol: da seleção brasileira em 1971, do futebol em 1974, no Santos Futebol Clube, novamente do futebol em 1977, depois de ter atuado na Liga Norte-americana pelo New York Cosmos. Com ele despediu-se a encarnação do “esporte nacional por excelência”, uma vez que em sua imagem e representações encontramos a síntese entre técnica e improvisação, magia e preparação cuidadosa. De certa forma ele sintetiza importantes elementos para a consolidação daquilo que pensamos sobre nós mesmos, dos mitos explicativos que criamos.

Um outro personagem esportivo importante desse período no Brasil é Henrique da Costa Mecking, o Mequinho, referência fundamental quando se fala em xadrez, personagem que transformou mesmo, em algum momento, em sinônimo do esporte do tabuleiro. Se não é possível comparar o campeão de xadrez a Pelé naquilo que significaram para o imaginário do esporte nacional, não se pode deixar de ver o lugar ocupado pelo enxadrista nas representações sobre o Brasil dos anos setenta do século passado. O xadrez complementava o futebol, o sucesso de Mequinho ajudava a compor um quadro que tentava demonstrar que o sucesso do esporte era a expressão dos avanços da nação. Não por acaso o presidente Emílio Garrastazu Médici fez questão de

³ Bartholo, Gonçalves e Salvador (2004) estudaram a face científica da conquista, que não prevaleceu como discurso identitário.

dizer que o Brasil tornara-se, depois do sucesso de Mequinho, campeão “dos pés à cabeça.”

As décadas seguintes também foram pródigas na geração de ídolos, especialmente porque o Brasil apenas em 2002 alcançou novamente um triunfo em Copa do Mundo de Futebol. Nesse quadro se colocam dois outros importantes personagens: o automobilista Ayrton Senna e o tenista Gustavo Kuerten.

O sucesso de Gustavo Kuerten no final dos anos 1990 e início dos anos 2000 fez retornar um importante tema, que diz respeito tanto à auto-estima dos brasileiros, quanto, de maneira mais ampla, à constituição da identidade nacional. Segundo se lia na imprensa daqueles anos, mas também se ouvia nos bares, nas esquinas, nos ônibus e nos pátios de colégio, *Guga* – como é chamado por amigos e familiares, mas também por parte da imprensa e pelo público em geral, ávidos pela intimidade com os ídolos – devolvia aos brasileiros a autoconfiança e o orgulho nacional em cada vitória acontecida em manhãs de domingo, horário brasileiro das finais da maioria dos torneios importantes em piso de saibro na Europa, onde Kuerten teve seus melhores resultados.

Refiro-nos a “trazer de volta” porque foi justamente nas manhãs de domingo que os brasileiros viveram, durante parte das décadas de 1980 e 1990, as emoções do sucesso no automobilismo, principalmente a partir das vitórias do tri-campeão mundial de Fórmula 1, Ayrton Senna. Não por acaso, o jornal de maior circulação no Brasil estampava em um caderno especial dedicado a Gustavo Kuerten, logo após seu segundo triunfo no torneio de Roland Garros, a seguinte manchete-título: “Gugaaa – Brasil tem no catarinense um herói com caráter e, por um instante, se torna feliz” (FSP, 12/06/2001, p. D-1).⁴

A relação com Ayrton Senna não é casual nem fortuita. Senna alcançou a condição de grande mito esportivo brasileiro, mesmo sendo o terceiro representante de uma curiosa tradição brasileira, a de campeões mundiais de automobilismo. Depois de Emerson Fittipaldi e Nelson Piquet, duas e três vezes campeões de Fórmula 1, Ayrton Senna parece haver sido a encarnação da “modernidade”, a união do homem e da tecnologia, da determinação do cavaleiro e da perfeição do maquinário, sempre por ele dominado com maestria. Senna morreu como mártir, consagrado, e em plena performance esportiva, em 1994.

Da mesma forma como desde muito tempo as pessoas comentam sobre futebol, suas técnicas, táticas, suas histórias e mitos, escalando os melhores jogadores e comparando a seleção nacional com seus tradicionais adversários – entre eles, o principal, o selecionado argentino –, a Fórmula 1 também se tornou um tema de conversas e apostas. Pneus, ultrapassagens, regulagens de motor e itens de segurança do automobilismo passaram a ser comentados pelos torcedores⁵, encantados com Senna, mais do que haviam estado com Fittipaldi e Piquet. De forma semelhante, *backhands*, *forhands*, *tie-brakes*, *sets* e *games*, tornaram-se freqüentes no vocabulário das pausas para o cafezinho, assim como as ruidosas comemorações – típicas do futebol – passaram a se manifestar na frente das TVs, a cada vitória de Guga.

A presença dessas quatro figuras no imaginário brasileiro, sobrepostas a outras, de esportistas também idolatrados, faz lembrar a enorme importância do surgimento de uma cultura de massas no Brasil, mediada, sobretudo, pela televisão. Não se pode desconsiderar que cada um deles é, também, produto de uma época na qual a

⁴ *Folha de São Paulo*, doravante citada por FSP, seguido pela data e pela página.

⁵ Rocha (1996).

reprodutibilidade e o detalhamento das imagens alcançou planos antes impensáveis. Foram também imagens que não concorreram entre si, já que foram hegemônicas em momentos diferentes de nossa história recente. Se é verdade que entre elas houve outras, o fato é que, por uma série de motivos, ainda a serem aclarados, foram essas que prevaleceram.⁶

O que significam esses quatro esportes – futebol, xadrez, automobilismo e tênis - a partir dessas figuras paradigmáticas – Pelé, Mequinho, Senna e Guga -, que entre si interligadas ajudam a entender o que somos? Ou, formulado de outra maneira, qual o papel que esses três ídolos/heróis/mitos do esporte brasileiro jogam na construção de nossa auto-estima e na formação da *identidade nacional*?

No presente trabalho apresentamos algumas reflexões sobre essas questões, investigando aspectos da formação da *identidade nacional*. Procuramos, nesse sentido, sua vinculação com o esporte, sobretudo no que se refere às representações que os brasileiros fazem de si mesmos, a partir das três figuras paradigmáticas desses mitos esportivos. De cada um deles identificamos um momento marcante na construção de suas imagens de ídolos nacionais, de mitos e heróis em quem depositamos nossas esperanças, nos quais projetamos nossos desejos identitários.

De Pelé selecionamos o momento de sua “primeira despedida”, aquela que deveria ser sua definitiva aposentadoria como jogador de futebol profissional, ocorrida no início de outubro de 1974. Analisamos, principalmente, o período que antecedeu aquele momento, refletido no vácuo e nos ecos que o jogador já havia deixado na seleção tricampeã mundial alguns anos antes, na sua transição para uma vida “fora do futebol” e na orfandade do esporte brasileiro, que perdia seu maior ídolo. De Mequinho circunscrevemos sua vitória no Torneio Interzonal de Petrópolis, em 1973, quando frente a vários adversários estrangeiros – muitos deles oriundos dos países do leste europeu em plena Guerra Fria – foi vencedor e popularizou-se, e ao xadrez, entre os brasileiros. De Ayrton Senna, limitamo-nos ao período posterior a sua morte, quando foi definitivamente canonizado como o grande ídolo esportivo depois de Pelé e antes de Guga. O enorme impacto que a morte de Senna causou nos brasileiros relaciona-se, entre outros motivos, com o fato de que à sua figura se atribuíam qualidades que expressavam, em meio a enormes crises políticas e econômicas, a imagem de determinação, vontade, competência e, sobretudo, sucesso, especialmente no exterior. No imaginário dos brasileiros, a imagem de Senna parece que compensava e redimia os fracassos, também porque a seleção de futebol já não era capaz de vencer. Por outro lado, Senna morreu em plena atividade, como um cavaleiro que cai na batalha, entregando o corpo, *heroicamente*, em favor do alcance de seus (nossos?) objetivos.

No que se refere a Guga, analisamos as interpretações que seguiram a seu segundo título em Roland Garros, que consolidaram sua então condição de melhor tenista do mundo, de ídolo inquestionável. Foi especialmente nesse momento que Guga passou a ser considerado o sucessor de Senna, quando as comparações com o automobilista se tornaram mais constantes. Analisamos também aspectos da polêmica

⁶ Como hipóteses de trabalho, diríamos que a imagem de Garrincha, por exemplo, prevaleceu menos e com outros significados em relação à de Pelé, certamente por conta da maior longevidade esportiva do segundo, aliada a uma imagem “politicamente correta” mais presente. Considere-se, ainda, que Senna morreu em plena atividade, depois de façanhas consideradas “heróicas” nas competições, muitas delas destacadas com tremendo vigor pelo locutor televisivo Galvão Bueno, sempre acompanhadas pela canção do “tema da vitória”. Lembre-se que tanto a produção imagética da realidade, como suas possíveis narrativas, formam, com enorme força e dramaticidade, os elementos da memória contemporânea.

que por pouco não tirou Guga dos Jogos Olímpicos de Sydney, na Austrália, em 2000 e algumas de suas relutâncias em assumir o posto de herói nacional.

Qual é o fio que é tecido entre Pelé e Guga, passando por Mequinho e Senna? Elegemos, como fontes principais de investigação grandes jornais diários e tradicionais revistas semanais. A partir da análise de conteúdo de reportagens e depoimentos, identifiquei aspectos estruturais da constituição de cada um desses ídolos populares como mitos nacionais: estruturas para os quais as idéias de *origem*, *destino* e *repetição* exercem um importante papel. Destaquei o que se renova e o que se repete em cada caracterização específica.

Interessamo-nos, portanto, pela a construção da imagem desses ídolos, pela mitologia que cerca seus esportes e pelos papéis que nele desempenham. Espero que essas reflexões contribuam, para além da cronologia factual – que pouco me interessa – a estabelecer alguns fios narrativos que ajudem a entender as identidades, também mitológicas, que os brasileiros esperam construir.

PELÉ E O “PAÍS DO FUTEBOL”

“Um mito, um ídolo, um imortal. Pelé, caracterizando a si mesmo.”⁷

Futebol-arte como expressão narrativa mitológica

O historiador Eric Hobsbawm (1998, p. 196-197), assim se referiu ao futebol ao escrever a história do breve século vinte:

“No campo de cultura popular o mundo era americano ou provinciano. [...] A única exceção foi o esporte. Nesse setor de cultura popular – e quem, tendo visto a seleção brasileira em seus dias de glória, negará sua pretensão à condição de arte? – a influência americana permaneceu restrita à área de dominação política de Washington. Do mesmo modo que o críquete só é jogado como esporte de massa onde a bandeira britânica drapejou um dia, também o beisebol causou pouco impacto, a não ser onde os marines americanos desembarcaram um dia. O esporte que o mundo tornou seu foi o futebol de clubes [association football], filho da presença global britânica, que introduziu times com nomes de empresas britânicas ou compostos de expatriados britânicos (como o São Paulo Atlético Clube [Athletic Club]) do elo polar ao Equador.”

Como se sabe, o futebol instituiu-se, como grande parte dos esportes clássicos, na Inglaterra moderna, no século dezoito e dezenove, atingindo, logo a seguir, a projeção a que se refere Hobsbawm. Nas últimas décadas do século dezenove ele chegou ao Brasil, junto com uma série de outras marcas do mundo moderno. É nesse momento que também aportam no país as crenças na ciência moderna, a república e o fim da escravidão⁸.

⁷ Folha de São Paulo, FSP, 4-8, 02/05/94

⁸ É curioso perceber que o Brasil foi um dos últimos países da América colonial a abolir o tráfico de escravos vindos da África e a escravidão, apenas em 1888. Além disso, embora tenha proclamado sua independência de Portugal em 1822, continuou como Império até 1889, quando foi proclamada a República. Sobre a crença na ciência e suas decorrências no Brasil do final do Império, é lapidar a prosa

O futebol no Brasil tem uma história que vai, de forma não linear, da elite à popularização, passando pelo profissionalismo nos anos trinta do século passado. É fácil perceber que há uma forte dimensão popular nesse esporte, tanto como espetáculo catártico e identitário nos estádios, quanto como diversão para as massas no registro da indústria cultural e, evidentemente, na sua prática como atividade de lazer. Ele convive com elementos fortemente elitistas, uma vez que não é patrimônio exclusivo das camadas populares, também por estar hoje sujeito, como qualquer outro bem cultural, à dinâmica do mercado.

DaMatta (1994) considera fundamental o percurso de um esporte que “veio de fora”, do “estrangeiro” onde tudo é “chique”, mas que desenvolve entre os brasileiros uma série de novos significados, num processo que ele chama de *aculturação positiva*. É preciso destacar, nesse movimento entre nacional/estrangeiro, a presença no debate popular e jornalístico, mas também acadêmico, das discussões sobre a “sobrevivência” do futebol-arte. Diz-se que o futebol brasileiro estaria, já há algum tempo, perdendo suas características originais, ao importar elementos do futebol europeu, especialmente os relacionados à preparação física e tática. Essa importação e “descharacterização” do futebol brasileiro teria, segundo os discursos que lamentam o “fim do futebol-arte”, atingido seu ápice nas Copas do Mundo da Alemanha, em 1974 e/ou da Argentina em 1978, quando passou a ser cada vez mais comum, no vocabulário do futebol brasileiro, o emprego de expressões em inglês para designar meios de treinamento e funções táticas. Ainda segundo esse discurso, ao ter havido ênfase na preparação física dos futebolistas, a capacidade técnica, a criatividade e a improvisação teriam sido tolhidas, diminuindo a centralidade dessas características marcantes do futebol-arte, considerado patrimônio nacional, expressão cultural genuinamente brasileira⁹.

É notável, por exemplo, que a *Revista Veja* tenha afirmado, em reportagem sobre a participação brasileira na Copa de 1974, que “algo se perdeu”, e que o futebol não poderia ser interpretado como um esporte, mas como um “ritual culminante do povo brasileiro, da liturgia criada pela massa para reconhecer-se, assegurar-se da partilha de um destino comum, louvar ou maldizer os fatos através de um exercício de arte popular [...]”¹⁰. A reportagem é clara na elaboração da contraposição entre o *futebol-arte* – criativo, expressão estética do *povo brasileiro* – e a modernização indesejada, estrangeira, artificial, manifesta no uso de táticas complicadas e estranhos equipamentos destinados aos treinamentos – como uma hoje obsoleta bicicleta ergométrica.

“Pois a torcida gosta de jogadores em que se reflita a capacidade criativa de um povo, atletas que usem esquemas táticos como base de apoio para essa criatividade e não como um fim em si. O povo brasileiro se vê improvisando e reformulando constantemente o seu comportamento diante de situações novas, certamente impostas por algum espírito com intenções malfazejas. Diante dele é preciso reagir, criando porém novas maneiras de

de Machado de Assis em *O Alienista*, além dos excelentes livros de José Murilo de Carvalho (1987, 1995) e Nicolau Sevcenko (1992, 2001).

⁹ Essa imagem mítica do futebol-arte é muito importante na construção da identidade nacional brasileira, assim como o futebol *criollo*, com as imagens do *pibe* e do *protero*, são marcantes para o imaginário argentino (ARCHETTI, 1997a, 1997b, 1998, 2001). De forma geral seria mesmo possível fazer uma leitura comparada entre as mitologias das tradições esportivas brasileira e argentina. Ao lado de nossos mitos se destacariam, do lado de nossos vizinhos, o pugilista Carlos Monzón, o tenista Guillermo Villas e o jogador de futebol Diego Maradona. Vale conferir, nesse quadro, a autobiografia de Maradona (2000).

¹⁰ *Veja*, 19/07/1974, p. 70.

viver e não aceitando passivamente o jogo desse adversário místico. No rito do futebol essa situação ficou simbolizada numa produção estética.”¹¹

Atualizava-se, dessa forma, o mito da “natural” capacidade brasileira de resolver criativamente sua querelas como se fosse esse um traço intrínseco do “caráter nacional”. Esse caráter se expressaria, segundo dizem nossas narrativas mitológicas, também no futebol, cheio de gingas e improvisações, um parente próximo do samba e do carnaval.¹²

Pelé: expressão das narrativas mitológicas do futebol-arte

Uma das maiores expressões dessas narrativas mitológicas é Pelé, considerado por muitos o maior jogador de futebol que jamais existiu. Pelé foi o único futebolista que venceu três Copas Mundiais de seleções. Além disso, marcou mais de 1000 gols e conquistou inúmeros outros títulos nacionais e internacionais. Pelé virou sinônimo de futebol, de futebol brasileiro, de futebol-arte. Diz-se que uma guerra na África foi suspensa para que se visse Pelé jogar, que foi gênio até quando jogou no gol, que presidentes e reis desceram ao vestiário para saudá-lo. Várias de suas jogadas que não resultaram em gol ficaram entre as suas mais famosas. Figura pública, garoto propaganda, mais jovem campeão do mundo no futebol, Pelé despediu-se da seleção brasileira de futebol em 1971, depois de 115 jogos e 97 gols. Continuou ainda por mais três anos atuando pelo Santos, o único clube no qual jogou profissionalmente no Brasil.

Fora do campo de jogo Pelé também desenvolveu uma carreira vitoriosa, ainda que com reveses, marcada por uma imagem que segue sendo importante, tanto no Brasil quanto no exterior, mesmo depois de quase três décadas de afastamento dos campos. O ex-jogador teve também importante participação no cenário político, no qual chegou a ministro dos esportes em 1995.

Pelé foi o principal protagonista de um tempo que consolidou o sucesso do Brasil no futebol mundial. Se o futebol foi europeu, uruguaio e argentino na primeira metade do breve século passado, o mundo presenciou, a partir da década de 1950, sucessivos triunfos do futebol brasileiro. Dizer que o mundo “viu” o sucesso do futebol brasileiro não é aqui um eufemismo, uma vez que foi a partir da segunda metade do século passado que a televisão rapidamente alcançou sua marcante presença, de forma que a história contemporânea não se deixa entender sem o significado de suas imagens. Televisão e esporte andaram e andam juntos, e ambos – igualmente tecnológicos e fascinantes pelas imagens que produzem – ajudaram a compor o mundo em que hoje vivemos.

Depois do enorme sucesso, Pelé despediu-se da seleção brasileira em 1971, inaugurando um período de orfandade e insegurança na equipe que se preparava para defender o título em Munique/1974.¹³ Duas semanas antes de sua primeira retirada do

¹¹ *Veja*, 19/07/1974, p. 70.

¹² Faz parte desse contexto a glorificação dos afro-descendentes como vetores fundamentais das narrativas mitológicas que compõem o futebol-arte, cuja obra-chave é, sem dúvida, *O negro no futebol brasileiro*, de Mário Filho (2003). Para uma análise das leituras desse livro na recente historiografia do futebol brasileiro, consultar Soares (1999), bem como os desdobramentos de seu trabalho.

¹³ *Placar*, 116, 02/07/1972; 170, 15/06/1973.

futebol, em outubro de 1974¹⁴, a *Revista Placar*¹⁵ publicava em sua capa uma foto de Pelé, com a seguinte manchete: “Olhe bem: está acabando.” A chamada é auto-explicativa, convidando a uma última oportunidade de ver o ídolo. É como se o próprio futebol estivesse moribundo, ou, pelo menos, sua melhor versão, sua qualidade como expressão artística, estivesse nos últimos suspiros.

Esse momento, fundamental para o imaginário coletivo do país, que havia visto sua seleção de futebol perder, alguns meses antes, a Copa de 1974 na Alemanha, inaugura uma nova fase na vida de Pelé. Poucos dias antes de disputar sua última partida pelo Santos F. C., ele indicava sua preocupação em levar uma vida próxima da “normalidade” depois de despedir-se do futebol. Para construir uma imagem transitória, entre o ídolo que nunca deixaria de ser e cidadão “comum” que jamais chegou a tornar-se, Pelé apela para os cânones da construção do “bom caráter nacional”: a valorização da família, sobretudo o amor aos filhos e o respeito ao pai; a humildade e o não esbanjamento de dinheiro; a preocupação em não ser um simples “garoto propaganda”, mas um exemplo para o povo; o patriotismo; a fé em Deus; a certeza de continuar como empresário, mas de não ser, no futuro, um político.¹⁶

Vivia-se no Brasil a ditadura militar, e talvez fosse temeroso propagar posições políticas. No início do processo de redemocratização, no entanto, Pelé já admitia outras possibilidades: “Não me conformo com o tipo de vida que a gente leva, com o que acontece no mundo hoje. Já começo a sentir necessidade de fazer alguma coisa séria, mas para isso preciso me preparar muito para não ser um incompetente a mais. Depois, sim, quero usar minha influência como político, como presidente.”¹⁷ Quatro anos mais tarde, seria ainda mais incisivo, ao admitir a possibilidade de tornar-se presidente da república e ministro dos esportes.¹⁸ De fato, Pelé tornou-se ministro dos esportes pouco mais de dez depois, no primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-1998).

Ainda no princípio dos anos 1970, Pelé destacava um ponto-chave da organização sócio-histórica brasileira: o racismo contra os, como ele, afro-descendentes. Tema mal resolvido em um país que acredita no mito *verdeamarelista* das “três raças irmãs” – brancos, índios, negros (CHAUÍ, 1993) –, a luta contra a discriminação do negro merecia, naquele momento, por parte de Pelé, o seguinte comentário:

“Eu sei o que muitos da minha raça querem e falam de mim. Querem me ver gritando, protestando, exigindo, fazendo coisas. E eles, eu acho, não entendem que a vida inteira eu tenho feito isso à minha maneira, como sei e como posso. As mensagens não são transmitidas apenas pela escrita e pela palavra, mas também pelas ações, pelos exemplos. E eu acho, até, que os exemplos valem mais.”¹⁹

¹⁴ Destaque-se que embora Pelé tenha se retirado do futebol em 1974, voltou no ano seguinte, contratado pela multinacional *Warner Communications* para ser a principal estrela do *New York Cosmos* e promover o futebol nos Estados Unidos da América.

¹⁵ *Placar*, 235, 20/09/1972.

¹⁶ *Placar*, 235, 20/09/1972, p. 4-7. Sempre na perspectiva de reforçar a imagem de patriota, dez anos depois de deixar o futebol, e morando a maior parte do tempo nos Estados Unidos, Pelé destacaria que “Mais uma vez, como bom brasileiro, estou investindo aqui apesar da desvalorização do cruzeiro. Estou ganhando lá e trazendo para cá. Eu acredito no Brasil, acredito no futuro do Brasil.” (*Placar*, 751, 12/10/1984, p. 42).

¹⁷ *Veja*, 633, 22/10/1980, p. 71.

¹⁸ *Placar*, 751, 12/10/1984, p. 39.

¹⁹ *Placar*, 235, 20/09/1972, p. 4-7.

Retomando a dimensão religiosa, típica de nossa tradição, e sua própria condição de mito ao argüir a idéia de *destino*, Pelé afirmava ainda que “Talvez eu tenha uma missão na terra. Uma missão até muito importante. Talvez essa missão seja mesmo aproximar brancos e negros.”²⁰ Invocando a continuidade do mito-herói, do qual a humildade é uma marca irrenunciável, prosseguia: “Talvez eu ainda não esteja totalmente preparado para executá-la. Se alguém pudesse me dizer que minha presença lá resolveria os desencontros, os conflitos que perturbam e envolvem nosso mundo, eu agora estaria lá [em partida na África do Sul, entre brancos e negros, para o qual havia sido convidado e recusou].”²¹

MEQUINHO: UM BRASIL “DOS PÉS À CABEÇA”

“Este Mequinho é realmente um chato, só pensa em xadrez.”²²

“Uma pessoa normal, que gosta de falar, de rir, de responder perguntas, de se divertir.”²³

O “eterno retorno”

Na década de setenta do último século, enquanto o Brasil celebrava os encantos de ser o país do futebol, em meio às idéias e promessas de desenvolvimento implantadas por sua modernização conservadora, surgia um outro personagem no tabuleiro das relações entre esporte e identidade nacional. Henrique da Costa Mecking, o Mequinho, emergia como o terceiro melhor enxadrista do mundo, e com sua figura importantes expectativas se colocavam no imaginário nacional. Importante é lembrar que elas não se punham por si mesmas, mas, sobretudo, em suas relações com o futebol, o esporte nacional por excelência. Não por acaso, o presidente Médici referia-se ao sucesso esportivo brasileiro em todas as suas dimensões, com o já citado “Brasil dos pés à cabeça”, bom com o corpo e pelos pés, mas habilidoso no gênio tático e de domínio estratégico.

Mequinho foi campeão brasileiro aos doze anos, latino-americano aos catorze, chegando em poucos anos ao posto de Grande Mestre Internacional e terceiro do ranking mundial, alcançando a final do Torneio dos Candidatos ao título mundial em 1977. Considerado gênio pela imprensa e por um público pouco acostumado ao xadrez, Mequinho teve sua imagem cultivada nos estereótipos que se constroem a respeito das pessoas que se supõem terem grande capacidade intelectual, das quais freqüentemente se destaca a excentricidade.

Acometido por grave doença, *miastenia cravis*, Mequinho abandonou os tabuleiros entre 1977 e 1978, no ápice da carreira, permanecendo afastado até 1991, anunciando e efetivando, mesmo que timidamente, desde então, vários retornos às competições. Recuperado alguns anos depois do início da convalescença, afirmou várias vezes que sua nova condição havia sido “um milagre”. Suas aparições na grande

²⁰ *Placar*, 235, 20/09/1972, p. 4-7.

²¹ *Placar*, 235, 20/09/1972, p. 4-7.

²² Chico Nelson, fotógrafo de *Veja*, 1973.

²³ Mequinho, sobre si mesmo, 1973.

imprensa tornaram-se menos freqüentes, limitadas, na maior parte das vezes, justamente às tentativas de retorno. Destaque-se que, como vários outros grandes ídolos do esporte, especialmente Pelé e Ayrton Senna, Mequinho cultivou, principalmente depois de sua primeira retirada das competições, uma forte identidade mística. Formado em Teologia em 1992, chegou a afirmar, em um de seus retornos que “Volto porque Jesus retorna este ano, porque estou me sentindo melhor e também porque esse dinheiro servirá para eu me manter.”²⁴ Antes disso, em 1994, em outra tentativa de retorno, Mequinho era ainda mais incisivo em relação à *missão* que deveria cumprir: “Quero provar que Jesus e Nossa Senhora não me ajudaram apenas a não morrer. O que me interessa é voltar a ser um dos três melhores do mundo. Se eu fosse um grande mestre de nível médio, penduraria hoje mesmo as chuteiras.”²⁵

O Interzonal de Petrópolis

O Torneio Interzonal de Petrópolis foi um momento muito importante para a popularização de Mequinho entre os brasileiros. O enxadrista mereceu capa e editorial da *Revista Veja*²⁶, que o saudou, em manchete, destacando “A vitória do rei brasileiro”. A glória do novo imperador não se devia apenas ao fato de ser ele então um vencedor, mas também, como destaca a revista, por “seu amor ao xadrez”.

Quando se analisa a longa reportagem da *Veja*, verifica-se, logo de início, o vínculo de referência com o futebol. Como é este o esporte-chave nacional, as comparações remetem a ele: a comemoração ruidosa na vitória final de Mequinho, os gritos de “Flamengo, Flamengo”, seu time de coração. É nesse contexto também que se coloca, contra os russos e outros jogadores do leste, aquilo que a revista chama de “imposição da latinidade”.²⁷

Em plena Guerra Fria, são os russos e sua tradição enxadrística, mas também suas supostas artimanhas e complôs, os grandes adversários de Mequinho, que até pelo *Pravda*, jornal oficial da extinta URSS havia sido criticado: “*E não é para estar contente? Joguei seis partidas com os russos e não perdi nenhuma – ganhei duas, empatei o resto. Isso é suficiente para deixar qualquer um satisfeito.*”²⁸

A imagem construída sobre Mequinho é ambígua, mas cheia de significados que remetem às tradições nacionalistas. Por um lado o personagem ligado ao futebol, torcedor do Flamengo, dotado de bélico prazer de esmagar os adversários, viril com as mulheres, embora delas pouco fale; por outro, o tipo excêntrico, sistemático, hipersensível, que esnoba a Física – curso universitário que abandonara – e que tem dificuldades em lidar com o cotidiano:

“Mas o mundo longe das 64 casas do tabuleiro é complicado, difícil. Como saber, por exemplo, se o cinto marrom combina com a calça azul? [...] E qual a diferença entre dois pratos do cardápio, como um bife à parmigiana e outro à milanesa?”²⁹ Nas palavras de um mestre internacional

²⁴ *FSP*, p. 4-5, 05/04/2000.

²⁵ *FSP*, p. 4-4, 05/02/1994. “Pendurar as chuteiras” significa, em referência ao vocabulário futebolístico, aposentar-se.

²⁶ *Veja*, n. 259, 22/08/1973.

²⁷ *Ibidem*, p. 90.

²⁸ *Ibidem*, p. 91.

²⁹ *Ibidem*, p. 92.

brasileiro, tratava-se “[...] uma dessas exceções no mundo do xadrez, que ajudam a fortalecer a falsa imagem de malucos que os grandes mestres têm entre o público.”³⁰

O que mais chama a atenção, no entanto, é a complementaridade de sua imagem em relação ao futebol, conformando uma unidade pelos “talentos da nação”, algo mais do que importante na construção da identidade nacional sob o regime autoritário e conservador dos anos 1970. Diz a reportagem de *Veja* que “O presidente Médici, ‘grande admirador do xadrez’, ao abraça-lo no Palácio do Planalto, selou um acordo que Mequinho cita com emoção sincera:

“Nós, brasileiros, seremos campeões dos pés à cabeça’. Os pés, de Pelé, o futebol. A cabeça de Henrique da Costa Mecking, o xadrez.” Destaque-se ainda que, ao relacionar as fontes de renda de Mequinho, a reportagem destaca seu cargo público de “assessor para Assuntos de Xadrez do Departamento de Educação Física e Desportos do Ministério da Educação.”³¹

O próprio enxadrista – que fizera questão de ele mesmo escrever o nome de seu cargo no MEC, para que não fosse publicado de forma equivocada – é categórico em proclamar sua *missão* como apóstolo da pedagogia esportiva: “*Eu sei o que quero. Luto pelo que eu quero. Fazer do Brasil campeão do mundo e divulgar o xadrez nas escolas do Brasil.*”³²

AYRTON SENNA: “*DEUS EX MACHINA*”?

“Isto é fatal.”³³

Em 1994 um acidente no Grande Prêmio de Ímola de Fórmula 1 colocava fim à vida do maior ídolo esportivo brasileiro depois de Pelé. Ayrton Senna morria de forma brutal, encerrando uma trajetória cheia de glórias esportivas e sucessos de marketing, ao mesmo tempo que dava continuidade à construção de sua imagem como mito.

A carreira de Senna deu prosseguimento a uma peculiar tradição do esporte brasileiro, a de formar campeões de automobilismo. De fato, antes dele, como já acima pontuado, tivéramos dois campeões mundiais de Fórmula 1, Emerson Fittipaldi e Nelson Piquet. Senna foi, no entanto, o mais destacado deles, sobretudo pela imagem que cultivou ao longo da carreira, e que se consolidou após sua morte. Logo após o acidente fatal, as cartas de leitores a um grande jornal destacavam os atributos que seriam a marca do piloto/mito Ayrton Senna: o extremo profissionalismo, a determinação como caminho da vitória, a obstinação, o não desconhecimento de limites, a coragem, o espírito de luta. Senna seria ainda um dos poucos que, ao contrário dos “políticos brasileiros”, daria orgulho ao país. Seria também alguém que nunca se referia ao Brasil – tão carente de símbolos – de maneira negativa.³⁴

³⁰ Ibidem, p. 93.

³¹ Ibidem, p. 93.

³² Ibidem, p. 95.

³³ Juan Manuel Fangio, penta-campeão mundial, referindo-se à Fórmula 1, por ocasião da morte de Senna.

³⁴ *FSP*, 02/05/2001, p. E-2.

Na falta do futebol para vencermos – uma vez que há muito não tínhamos sucesso em Copas do Mundo –, Senna cumpria o papel de campeão, de vetor da experiência de sucesso. Podíamos, como lembra Roberto DaMatta³⁵ a respeito do futebol, vencer *com ele*. Por outro lado, ainda seguindo DaMatta, Senna, ao contrário de políticos e economistas, exercia uma atividade que todos podemos, em princípio, observar e julgar. Apesar dos meandros tecnológicos da Fórmula 1, todos assistíamos, nas manhãs de domingo, aos Grandes Prêmios, crenças que nossa torcida ajudaria Senna a vencer mais uma vez seus adversários.

Depois de sua morte, Ayrton Senna passou a batizar, entre outros, uma fundação de amparo a crianças, uma rodovia e um túnel. O depoimento de um importante político do estado de São Paulo sintetiza bem o imaginário em torno do piloto:

“Acontece que, para os brasileiros em geral e os paulistanos em particular, mais que um piloto de sucesso, Ayrton Senna representou o orgulho dos brasileiros numa época em que nossa auto-estima como nação estava fragilizada. Sua morte trágica no apogeu da carreira e na flor da idade e a emoção dos paulistanos ao lhe dar seu último adeus não são marcos apenas do esporte brasileiro: representam a alma de um povo que se orgulha de seu herói e que tem o direito de transmitir esse orgulho às futuras gerações que passarem pelo complexo viário Ayrton Senna.”³⁶

São muitas, por outro lado, as associações que ligam Senna ao futebol e a Pelé, amalgamando ambos em um mesmo esquema no imaginário brasileiro. A principal delas talvez seja o recurso à religiosidade e ao misticismo. Assim como Pelé, também Senna, segundo seu irmão Leonardo, teria cumprido uma *missão*: “Ayrton veio para cá para uma missão. Deus o trouxe. Deus o levou.”³⁷ O próprio Senna teria se encarregado de contribuir para a construção mística de sua imagem, ao afirmar, em 1992, que teria visto a imagem de Deus.³⁸ Pelé, por outro lado, afirmara que “A vida continua, o Ayrton Senna estará lá em cima cuidando e torcendo pelas futuras vitórias brasileiras.”³⁹

O vínculo entre os dois ídolos e, de maneira geral, de Senna com o futebol, foi evidenciado em inúmeros momentos dos últimos anos, na voz de diferentes atores. O presidente da Confederação Brasileira de Futebol, às portas da Copa dos Estados Unidos em 1994, destacava Senna como “um exemplo de audácia e coragem para a seleção”;⁴⁰ o coordenador da seleção campeã em 1994, por sua vez, falava com emoção, do sonho do tetra-campeonato para o Brasil, tanto no futebol, quanto no automobilismo, feito então não alcançado por sua equipe, e que a morte de Senna interrompera no automobilismo.⁴¹ Os jogadores da seleção de futebol, depois de várias demonstrações de religiosidade e misticismo, estenderam, por sua vez, uma faixa em homenagem ao piloto, logo após a conquista do tetra-campeonato mundial. Em 1998, durante o Mundial da França, os futebolistas recebem fotos de Senna como exemplo de vencedor, junto com frases de auto-ajuda.⁴²

³⁵ DaMatta (1982, 1994).

³⁶ Reinaldo de Barros, *FSP*, 08/11/1995, p. 1-3.

³⁷ *FSP*, 02/05/2001, p. E-3.

³⁸ *FSP*, 14/05/1994, p. 5-8.

³⁹ *FSP*, 04/05/1994, p. 5-7.

⁴⁰ *FSP*, 11/5/1994, p. 4-1.

⁴¹ *FSP*, 22/05/1994, p. 5-7.

⁴² *FSP*, p. 4-5E, 13/07/1998.

Esse fascínio pela figura de Ayrton Senna talvez esteja relacionado a novos elementos na identidade nacional: ela não seria mais apenas vinculada à ginga, à malandragem, à mestiçagem, ao espontâneo, mas também à máquina, à tecnologia, à ciência, à velocidade.⁴³ Teríamos, dessa forma, novos elementos constituintes do mito, que se mantém, na junção dos domínios tecnológico e artístico, da improvisação e do cálculo.

GUSTAVO KÜRTEEN: A “VOLTA DA ALEGRIA DE DOMINGO”

“Guga é Senna.”⁴⁴

Em setembro de 2000, Gustavo Kürten, então bicampeão do torneio de Roland Garros e líder do ranking mundial de tênis, viu-se envolvido em uma polêmica a respeito da sua participação nos Jogos Olímpicos de Sydney. Ele e o Comitê Olímpico Brasileiro tinham patrocinadores diferentes, o que inviabilizaria sua participação nos Jogos daquele ano. A discussão tomou muitas páginas dos jornais, além de intermináveis horas na televisão, nas ruas, nas escolas, nos bares. Em jogo estava o “patriotismo” contra “a tirania dos interesses econômicos”, a contraposição entre “servir à pátria” ou “ao dinheiro”. Com a globalização econômica cada vez mais consolidada, Guga foi acusado de ter se curvado a uma “empresa estrangeira”, e de ter faltado com o “espírito olímpico”.⁴⁵

Depois de um acordo entre as partes, o próprio Guga tratou de encerrar a polêmica ao alimentar, com enorme força, o vínculo ídolo-povo: “Foi bem difícil. Mas eu via as pessoas falando que ia mudar, fui me empolgando, e deu certo. Foi a força do povo que me colocou na Olimpíada. Foi a opinião pública, essa coisa que move muitas coisas, que me colocou lá.”⁴⁶

Não foi sempre assim, que Guga tenha se preocupado em reforçar esse vínculo um tanto imaginário, mas sempre desejoso, afetivo, identitário, entre o *povo* e seus *mitos*. Três anos antes, ao ser campeão do Aberto da França pela primeira vez, ele ainda relutava em ser, por exemplo, comparado a Ayrton Senna:

“Andam me perguntando bastante sobre isso... Eu não procuro pensar nisso, não. Sei que vou ser muito mais cobrado a partir de agora, os meus resultados e os meus atos também. Vou ter de pensar em cada passo que der agora, fazer as coisas com bastante cuidado. Porque minha vida se tornou pública e muita gente vai se espelhar em mim. O que eu acho mais importante são as crianças. Então um bom exemplo seria fundamental. Eu acho que fui bem educado, e a maneira que eu sou é uma maneira legal de ser. Por isso não vejo mudança que eu tenha de ter para mostrar uma coisa boa para as pessoas. Na minha cabeça, não sou nenhum ídolo pra ninguém.”⁴⁷

⁴³ Coelho (1994), Fatheuer (1995); Rocha (1996); DaMatta (1998).

⁴⁴ Elena Landau.

⁴⁵ FSP, 07/09/2000, p. A3; 08/09/2000, p. D1-D3; 10/09/2000, p. A6.

⁴⁶ FSP, 08/09/2000, p. D2. Uma discussão detalhada desta questão, incluindo as implicações identitárias, pode ser encontrada em Bartholo e Soares (2006).

⁴⁷ FSP, 22/09/1997, p. 4-9.

No entanto, depois do segundo título de Roland Garros, Guga assumiu definitivamente, no imaginário brasileiro, a condição de maior ídolo vivo. Sua competência como jogador, os atributos de ter fé e humildade, e, sobretudo, o *caráter redentor*, passaram a ser mais e mais destacados. O articulista Celso Kinjô escreveu, em um importante jornal brasileiro, que

“Nos últimos anos, nada aconteceu de mais reabilitador para o brasileiro desencantado com o desemprego e com a corrupção dos políticos que a vitória de Guga em Roland Garros. A auto-estia de um povo que se calejou no sofrimento e – decorrência disso – no ceticismo, explodiu nos quatro sets do domingo, pois representaram tudo o que vale a pena neste país.”⁴⁸

Jovem das camadas médias, descendente de europeus, destaque em um esporte “de elite”, Guga estrutura uma outra faceta do ídolo, a de ser “natural”, alguém “comum” e que não se importa em ser herói, ainda que não descarte essa condição. De certa forma, reforça as idéias típicas do “jeito de ser brasileiro”:

“Acho legal o pessoal se empolgar com as minhas vitórias. O povo brasileiro é muito alegre, gosta de torcer, sofre para caramba nos meus jogos e eu fico até imaginando como eles ficam quando eu tenho uma partida dura. Deve ter gente que sai quebrando televisão, tem ataque do coração... Encaro tudo isso como uma coisa positiva.”⁴⁹

Não por acaso, o antropólogo Roberto DaMatta diz, sobre Guga e seu desempenho me grandes competições internacionais que

“Roland Garros, Wimbledon, todas essas coisas são globalizadas. A partir do momento que Guga começa a ser vitorioso ele se globaliza também. Mas ao mesmo tempo é local. Você vê o cabelo, um penteado afro. Ele enfatiza a etnia negra, podia se vestir como sueco, mas não. Não sei se é consciente, mas está lá mostrando que é brasileiro, que respeita o mito das três raças. Ele come banana. Isso é ótimo.”⁵⁰

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tradição e contemporaneidade, criatividade e sistema, sentimentos e máquina, corpo e alma, os pés e a cabeça, essas dicotomias parecem espelhar – mesmo que em cada um deles, com ênfase em um ou outro ponto – as imagens relacionadas aos ídolos e mitos esportivos aqui estudados.

Há um agenciamento positivo em relação às imagens de Pelé e Mequinho. Passando ao largo de um discurso que procura mostrar a simples “utilização” do esporte pelo governo ditatorial, é preciso levar a sério as pretensões contidas na assertiva do general-presidente Médici: um Brasil completo, que se destacasse da atraso e do terceiro mundo, escolhendo, para representar a si mesmo, o esporte. Pelé como síntese do corpo em movimento na forma de arte e eficiência, Mequinho como a cabeça não desprovida de emoção e “malandragem”, a inteligência eficaz. Ayrton Senna, por sua vez,

⁴⁸ *O Estado de São Paulo*, doravante citada por *ESP*, seguido pela data e pela página., 12/06/2001, p. 5-1.

⁴⁹ *ESP*, 26/08/2001, p. 5-1

⁵⁰ DaMatta (2000).

representa o domínio sobre a máquina, a ousadia, o limite entre a vida e a morte, a *experiência moderna*. Tradição e modernidade, criatividade e ciência, sentimentos e máquina, pés e cabeça, essas dicotomias parecem espelhar – mesmo em cada um deles, com ênfase em um ou outro ponto – as imagens relacionadas aos ídolos Pelé, Mequinho e Senna. Guga parece trazer novos elementos para a equação: a “normalidade” da classe média, o reconhecimento de *ter* ídolos (o próprio Senna, jogadores de futebol), uma certa recusa em *ser* ídolo.

Todos eles, no entanto, parecem estar vinculados a valores tradicionais na formação do Brasil, com forte identificação popular. Refiro-me a força dos atributos pessoais, “do bom caráter”, do “vínculo familiar”, da “fé em Deus”, do destino. O próprio Roberto DaMatta, cuja obra, às vezes, se estrutura na ambigüidade entre ciência e mito, destaca, ao comentar a relação dos brasileiros com o tênis, que

“[...] o Guga é extremamente brasileiro. Você vê o Senna, por exemplo, ele era sobretudo um malandro, era audacioso, fazia ultrapassagens maravilhosas. Até morreu por causa disso. Essa malandragem está no futebol arte, também. O Guga não é um tenista tradicional, bem comportado. Ele é emocional, tem ataques temperamentais. Tem também um profundo relacionamento com a família, que eu acho lindo, é uma coisa que o brasileiro valoriza muito. Esse relacionamento dele com o irmão, que é deficiente, a dedicação dele. O Ronaldinho também tem isso, essa coisa da família.”⁵¹

Por fim, gostaria de destacar que a produção das imagens de representantes do orgulho nacional, tanto de Pelé quanto de Mequinho de Senna e Guga, não pode ser desvinculada da própria configuração do esporte moderno: entre a globalização e o nacionalismo, entre as representações das crenças e da ciência, cada um deles, para além dos enormes méritos esportivos, é, também, expressão das imagens midiáticas, com destaque, inegável, para as televisivas⁵².

BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA

- Archetti, Eduardo. Argentinien. In: Eisenberg, Christiane. *Fußball, soccer, calcio. Ein englischer Sport auf seinem Weg um die Welt*. München: DTV, 1997a, p. 149-170.
- Archetti, Eduardo. The moralities of Argentinian football. In: Howell, Signe. *The Ethnography of Moralities*. London und New York: Routledge, 1997b, p. 99-123.
- Archetti, Eduardo. El potremo y el pibe. Territorio y pertenencia en el imaginario del fútbol argentino. *Nueva Sociedad*, Caracas, 03/04/1998, p. 101-119.
- Archetti, Eduardo. *El potremo, la pista y el ring. Las patrias del deporte argentino*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.
- Bartholo, Tiago Lisboa; Soares, Antonio Jorge Gonçalves; Salvador, Marcos Antonio Santoro. O "futebol arte" e o "planejamento México" na Copa de 70: as memórias de Lamartine Pereira Da Costa. *Movimento*. Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 113-130, 2004.

⁵¹ Ibidem.

⁵² Sobre a relação entre a televisão, o ufanismo e o reforço do “orgulho nacional”, consultar, entre outros, Sá (1997) e Gastaldo (2000).

Bartholo, Tiago Lisboa; Soares, Antonio Jorge Gonçalves. Identidade, negócio, esporte no mundo globalizado: o conflito entre Guga e os patrocinadores na Olimpíada de Sydney. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 28, p. 55-72, 2006.

Carvalho, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Carvalho, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Chauí, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

Coelho, Marcelo. Negra é a cor do nacionalismo brasileiro: Morte de Ayrton Senna permite que os cidadãos se reúnam em torno da idéia de um Brasil trágico. *Folha de São Paulo*, p. 5-8, 04/05/1994.

DaMatta, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DaMatta, Roberto (Org.). *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotek, 1982.

DaMatta, Roberto. Antropologia do óbvio. São Paulo, *Revista USP*. n. 22, p. 10-17, jun/jul/ago 1994.

DaMatta, Roberto. Vitória na Copa não terá dono. Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, p. 10, 14.06.1998.

DaMatta. *Guga por DaMatta*. <http://www.no.com.br/servlets/newstorm.notitia.apresentacao.ServletDeNoticia?codigoDaNoticia=4739&dataDoJornal=962652308000> (2000, 27.11.2001).

Fatheuer, Thomas. Das Vaterland der Fußballschuhe. Eine kleine Sozialgeschichte des brasilianischen Fußballs. Bad Honnef, *Lateinamerika*. n. 19, 1995, p. 21-37.

Gastaldo, Édison Luís. “Os Campeões do Século”: notas sobre a definição da realidade no futebol-espetáculo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Vol. 22, n. 1, setembro 2000. p. 105-124.

Hobsbawm, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Landau, Elena. *Guga é Senna*. <http://www.no.com.br/revista/secaoparaimpressao/1954/33245/999831688000> (2001, 17/04/2002)

Maradona, Diego. *Yo soy el Diego de la gente*. Buenos Aires: Planeta 2000.

Rocha, Everardo. As invenções do cotidiano: o descobrimento do Brasil e a conquista do tetra. Rio de Janeiro, *Cadernos de Campo*. n. 3 e 4, S. 9-20, 1996.

Sá, Nelson. Orgulho Nacional. *Folha de São Paulo*, p. 3-4, 10/06/1997.

Soares, Antônio Jorge. História e invenção de tradições no futebol brasileiro. *Estudos Históricos*. Vol. 13, n. 23, 1999, p. 119-146.

Sevcenko, Nicolau. *Orfeu extático da metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Sevcenko, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FONTES: *Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, Placar, Veja*